

A ESCUTA SENSÍVEL COMO PRÁTICA HUMANIZADORA

Jessica Hilário Pinto¹
Marlene Barbosa de Freitas Reis²

Resumo: Este artigo contempla o ato de escutar como prática humanizadora no espaço educacional. A Escuta que se aborda neste texto vai além do simples ato de ouvir, compreendendo-a como uma experiência que envolve todo o corpo e permite a percepção da outra pessoa em sua totalidade e singularidade, sendo capaz de promover relações mais humanas e acolhedoras. Nesse sentido, este estudo se caracteriza por ser uma pesquisa com abordagem qualitativa, sustentada na perspectiva fenomenológica e aprofundamento bibliográfico. O texto evidencia como ações simples fazem a diferença nas práticas educacionais, almejando uma melhor convivência e desenvolvimento entre as pessoas envolvidas nessa dinâmica.

Palavras-chave: Escuta Sensível. Acolhimento. Educação. Formação. Práticas Inclusivas.

SENSITIVE LISTENING AS A HUMANIZING PRACTICE

Abstract: This article explores the act of listening as a humanizing practice in the educational space. Listening, as discussed in this text, goes beyond the simple act of hearing, understanding it as an experience that involves the entire body and allows for the perception of the other person in their totality and uniqueness, fostering more human and welcoming relationships. In this sense, this study is characterized by a qualitative approach, supported by a phenomenological perspective and in-depth bibliographical research. The text highlights how simple actions make a difference in educational practices, aiming for better coexistence and development among the people involved in this dynamic.

Keywords: Sensitive Listening, Welcoming, Education, Training. Inclusive Practices.

LA ESCUCHA SENSIBLE COMO PRÁCTICA HUMANIZADORA

Resumen: Este artículo explora la escucha como práctica humanizadora en el ámbito educativo. La escucha, como se plantea en este texto, va más allá del simple acto de oír, entendiéndola como una experiencia que involucra todo el cuerpo y permite la percepción de la otra persona en su totalidad y singularidad, fomentando relaciones más humanas y acogedoras. En este sentido, este estudio se caracteriza por un enfoque cualitativo, respaldado por una perspectiva fenomenológica y una profunda investigación bibliográfica. El texto destaca cómo acciones sencillas marcan la diferencia en las prácticas educativas, buscando una mejor convivencia y desarrollo entre las personas involucradas en esta dinámica.

Palabras clave: Escucha Sensible, Acogida, Educación, Capacitación. Prácticas Inclusivas.

¹Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Goiás (PPGE-UEG/ 2023). Pós-graduada em Transdisciplinaridade e Interdisciplinaridade na Educação (2017) e graduada em Pedagogia (2014) pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Unidade Universitária de Inhumas. Especialista em Gestão Escolar, com Ênfase em Coordenação Pedagógica (FABEC, 2015). Coordenadora Pedagógica da rede municipal de ensino da cidade de Damolândia-GO.

² Pós-doutorado em Gestão da Informação e Conhecimento pela Universidade do Porto/Portugal (2015). Doutorado em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento pela UFRJ (2013). Mestrado em Ciências da Educação Superior pela Universidad de La Habana - Cuba (2003). Graduada em Pedagogia pela UFG (1989). Professora aposentada da Secretaria de Educação, Esporte e Lazer do Estado de Goiás. Atualmente atua como professora titular da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Introdução

Este artigo realiza um diálogo pautado na Escuta Sensível, pois inferimos que a partir dela, com ela e através dela seja possível se abrir à outra pessoa, não somente em relação ao aspecto auditivo e sim utilizando os cinco sentidos; ou, para ser mais preciso, se dispondo do corpo inteiro, para a compreender em sua totalidade, em um ato que nos leva à compreensão de nós mesmos, objetivando uma relação mais humana, mais acolhedora e o desenvolvimento integral do ser humano

Nesse sentido, apresentamos a Escuta Sensível, evidenciando os conceitos, as abordagens, o que a tem impedido de acontecer tanto na sociedade como nas instituições escolares, a possibilidade de aprender a realizá-la, sua aproximação em relação à empatia, à afetividade, à alteridade, à amorosidade e ao acolhimento. Discorremos, ainda, sobre a sua importância na formação das pessoas profissionais da educação para que aconteça da melhor forma a condução para a inclusão das pessoas educandas, destacando um ensino pautado nessa perspectiva, que leva em consideração a humanização das relações, ações e práticas educativas que desenvolvem o ser humano.

Escuta Sensível: conhecendo e reconhecendo essa atitude

Em um mundo cada vez mais caótico, caracterizado pela grande aceleração das informações, em que não se tem tempo para nada, saber escutar as pessoas é uma forma de resistência, pois tudo o que nos circunda se apresenta com uma rapidez cada vez maior do que deveria e, desse modo, temos dias mais curtos e, conseqüentemente, menos tempo para realizar nossas funções. Ir um pouco mais devagar nos custa muito pelo fato de a maioria se ver “preso” a um trabalho frenético e a informações aceleradas, que nos empurram para uma grande demanda que nos priva de momentos de experienciar o que, verdadeiramente, faz sentido em nossa vida.

Larossa (2002) traz reflexões sobre como somos induzidos a vivenciar os excessos de informação, de opinião, de falta de tempo e de trabalho que nos levam a distanciar das experiências, como a proporcionada pela Escuta Sensível. Esse autor destaca quão importante é pararmos e aprendermos a ir mais devagar para que consigamos ser pessoas de experiência, abertas às vivências, ao saber que ela pode nos oferecer, ao parar, olhar e escutar

minunciosamente. Dessa maneira, ressaltamos que para isso precisamos de uma

[...] interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes (...) cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larossa, 2002, p. 24).

Como são inevitáveis as relações humanas, busquemos ao menos que elas sejam de qualidade. Faour (2009, p. 103) evidencia que “escutar é um grande desafio. Um desafio que nós fazemos diariamente. Porque escutar, por mais que associemos ao outro, é um ato ligado a si mesmo”. Escutar é uma atitude que precisa partir de nós, somos nós as pessoas responsáveis pelo querer e, consequentemente, pelo construir de mecanismos que nos permitam parar e escutar a outra pessoa.

Tudo isso não pode acontecer de maneira forçada, precisa ser uma ação que aconteça de dentro para fora, é uma busca por conhecer a outra pessoa em suas particularidades; ou seja, é “conhecer as várias faces de uma pessoa: seu lado forte, seu momento frágil, sua dor, sua alegria, sua coragem, seu medo; a escuta nos permite a aproximação” (Cerqueira; Sousa, 2011, p. 17).

Nesse processo de aproximação, devemos “colocar à disposição do outro em um processo de acolhimento (...) sair de si mesmo para pré-ocupar com o outro” (Carvalho, 2017, p. 53-54). Para que essa pré-ocupação para com a outra pessoa seja possível, é necessário que eduquemos nossos sentidos para que eles nos levem a vivenciar as sutilezas do mundo ao qual estamos inseridos; ou melhor, experienciar as miudezas que passam despercebidas.

Desta forma, estaríamos nos construindo como seres humanos que realizam uma prática humanizadora, favorecendo espaços em que prevaleçam práticas solidárias, criando ambientes em que haja a disponibilidade de estar com a outra pessoa, pelo singelo gesto de escutar, realizando uma ação diferente, mas capaz de propiciar a sensação prazerosa do acolhimento (Carvalho, 2017). Ainda conforme essa autora:

No processo da escuta sensível há uma troca mútua, entre quem fala e quem escuta. A escuta não é passiva, ela é dialógica. À medida que se escuta as necessidades do outro, há uma aproximação deste, um conhecimento, e, ao

conhecemos o outro, aprendemos a nos conhecer também (Carvalho, 2017, p. 55).

Entendemos, portanto, que a escuta é dialógica e, reconhecendo sua importância, Freire (2018, p. 109) menciona que “o diálogo é uma exigência existencial”. É por meio dessa interação que a pessoa se reconhece ao reconhecer a outra pessoa, possibilitando a solidariedade, a reflexão e a ação no mundo a ser transformado e humanizado. O diálogo não pode ser resumido ao simples ato de depositar e impor perspectivas de uma pessoa à outra, ou tornar-se apenas uma troca de ideias sem um maior aprofundamento, pois carrega em si uma grande oportunidade de crescimento tanto individual como coletivo.

Ao compreendermos essa questão, esse exercício nos leva a descobrir nossa própria maneira de escutar, por meio de nossos estilos, levando em consideração nossas qualidades e limitações. De maneira geral, aprendemos quais são as ações que levam à escuta; mas, muitas vezes, não são consideradas, como - nossas histórias, nosso jeito de levar a vida. E, podemos (e deveríamos) encontrar uma forma particular de escutar as outras pessoas, de maneira autêntica. De acordo com Dunker e Thebas (2019, p. 21) “é por essa regra e por esse motivo que a escuta começa pela escuta de si”.

Dunker e Thebas (2019, p.19) acreditam que “escutar com qualidade é algo que se aprende. Depende de alguma técnica e exercício, mas também, e principalmente, de abertura e experimentação”. Compartilhando da mesma perspectiva, Carvalho (2017) diz ser possível realizar um treinamento para se desenvolver a habilidade de escutar, a partir de atitudes muito simples que podem colaborar na melhora da escuta, bem como nas relações pessoais e profissionais.

Para isso, a autora cita exemplos de como realizar esse “aperfeiçoamento”, e um deles é ouvir “a voz das pessoas que são importantes para você, não só as palavras, mas os sons produzidos e as emoções que elas carregam” (Carvalho, 2017, p. 48). Nesses momentos conseguimos prestar mais atenção nos detalhes e assim compreender o que se passa, levando a organizar os mecanismos necessários para saber agir diante do que foi falado ou expresso.

A sugestão de Carvalho (2017) sobre treinar a habilidade de escutar nos leva a olhar para a outra pessoa de maneira amorosa e repleta de acolhimento, em que prevalece a aceitação e se deixa de lado o julgamento e as interpretações equivocadas. No entanto, essa capacidade

de escutar está se perdendo. Com o mundo cada vez mais individualista, as relações entre as pessoas estão sendo aniquiladas e quando acontecem se passam, na maioria das vezes, no espaço virtual no qual não há a necessidade de atenção para com os detalhes, é só conectar e desconectar quando considerar necessário. Para que ocorra esse resgate das relações de afeto, de confiança, de troca, precisamos da escuta.

Outro aspecto que devemos levar em consideração é em relação à diferença entre escutar e ouvir: embora estejam associadas numa perspectiva de que têm o mesmo significado e serem apresentadas em dicionários como sinônimas, elas apresentam diferenças significativas e de grande relevância. Iniciamos essa diferenciação pelo termo ouvir que, segundo Figueiredo (2010, p. 1445), é “perceber pelo sentido do ouvido. Entender o som ou a palavra de; escutar”. E, a partir do que é exposto, conseguimos observar que ouvir se refere à utilização da audição, se restringido apenas a ouvir as palavras, se apresentando como uma “faculdade sensorial e passiva” (Dunker; Thebas, 2019, p. 44), em que capta apenas os sons.

Segundo o dicionário da Língua Portuguesa, escutar é “dar atenção. Tornar-se atento para ouvir” (Figueiredo, 2010, p. 779). Nesse caso, verificamos que a ação de escutar vai além da limitação de apenas ouvir, é se atentar ao que é dito, buscando a compreensão de cada palavra. Para Carvalho (2017, p. 47), escutar é “uma ação ativa, pois necessita de foco, ou seja, uma atenção direcionada para aquilo que ouve”, mas não se limita apenas à fala, exige também o perceber daquilo que está oculto nas entranhas da pessoa falante, captando suas sensações, seus comportamentos, seu humor, e até mesmo seu silêncio, para que seja compreendido em sua completude.

Nesse sentido, entendemos que ao escutar também se ouve, mas quem ouve, inevitavelmente, nem sempre escuta, pois quando não se dá a devida atenção à fala emitida, essa não ação faz com que a pessoa receptora não realize a assimilação da mensagem, fazendo com que a fala não tenha sentido para que seja, realmente, compreendida, refletida e assim armazenada na memória. Conforme Dunker e Thebas (, 2019, p. 44), “escutar exige receptividade”. Apesar das distrações que o mundo atual nos apresenta a escuta que integra o ato não apenas de ouvir, mas também o de ver e o de sentir precisa de abertura, entrega à outra pessoa. Por essa razão, destacamos o quão essencial é o ato de escutar.

A finalidade em trazer a diferenciação entre o ouvir e o escutar é de mencionar que

enquanto o primeiro leva o apreender e compreender de vozes e sons, a segunda abrange esse apreender e compreender as expectativas e sentidos, a partir das posturas, gesticulações, atitudes e expressões que são apresentadas (Carvalho, 2017). Ao entender a diferença entre escutar e ouvir somos capazes de considerar que a beleza da vida não está no volume, mas sim na frequência sonora e nas expressões manifestadas, tornando possível essa diferenciação se estivermos realmente prestando atenção.

Ao compreendermos o que é escutar é necessário, também, apreendermos o que, compreendemos por sensível. Esse termo está relacionado às sensações, que nada mais são do que informações que os sentidos recebem do que é externo ao corpo. E, por essa razão, admite-se que o corpo todo se apresenta como lugar de conhecimento, e não apenas os cinco sentidos. Com isso, nossa sensibilidade com a outra pessoa não pode ser separada em partes, pois a diversidade de sensações constitui um todo (Carvalho, 2017).

Para Barbier (2002), a Escuta Sensível é um movimento que se apoia na empatia, que é “a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro, para que possamos dessa forma nos imaginar naquela situação pela qual ele passa, e assim, nos aproximarmos mais dele” (Cerqueira; Sousa, 2011, p. 22-23).

Em outras palavras, seria um processo que consiste em percorrer o universo interior da pessoa e se sentir pertencente a ela, significa ter sensibilidade a todo o momento para perceber os sentimentos expressos ou não, buscando compreender suas atitudes, sempre se colocando no lugar da outra pessoa. Desta forma, a sensibilidade, além de sentir através de todo o corpo, se mostra carregada por uma “empatia generalizada” em relação a tudo e a todos (Carvalho, 2017).

Ao escutarmos sensivelmente precisamos, também, silenciar nossas emoções para que se realize o movimento de “ouvir-ver-sentir” a outra pessoa, termo citado por Ceccim e Carvalho (1997, p. 31). Quando mencionamos esse silenciar não nos referimos à anulação de nós mesmos para que a outra pessoa exista, pelo contrário, a verdadeira escuta não nos diminui, em nada, “pelo contrário é escutando bem que me preparo para melhor me colocar ou melhor me situar do ponto de vista das ideias”, conforme defende Freire (2010, p. 120).

Assim, a pessoa ‘escutadora’ que se entrega à fala da outra pessoa, sem amarras ou preconceitos fala também sobre seu posicionamento sem que isso cause estranheza no diálogo, pois a escuta não se apresenta de maneira autoritária. Por essa e outras razões que podemos

observar a quantidade de qualidades que a pessoa que escuta verdadeiramente precisa ter, bem como as que vão surgindo a partir dessa prática democrática (Freire, 2010).

Vale destacar a experiência de escuta vivenciada por Faour (2009), em que a autora pontua que as pessoas ficam tão à vontade, que se esquecem de sua presença e essa sua postura de neutralidade consciente a deixa em um lugar de privilégio, em que está presente, mas ao mesmo tempo não está, a permitindo ter uma escuta, uma visão e um sentido mais focados, pontuais e participativos quando está se relacionando com a outra pessoa.

O silêncio também é uma maneira de expressão e, conseqüentemente, é necessária sua compreensão. A linguagem silenciosa faz parte das ações subjetivas das pessoas e, dessa forma, entendemos que somos formados por características tanto objetivas, que são expressas de maneira mais evidente, como subjetivas que se apresentam de forma camuflada, silenciosa. Ou seja, “a objetividade é mais facilmente identificada, reconhecida; já a subjetividade tem traços mais “tímidos”, ocultos, que necessitam de maior sensibilidade para que possam ser descobertas” (Cerqueira; Sousa, 2011, p. 18).

Precisamos reconhecer que as pessoas sempre serão divididas entre o silêncio e a palavra. E, sob esse pressuposto, acreditamos que a partir da escuta é possível adentrar e apreender os significados do que é dito e não dito. Para que essa escuta aconteça, verdadeiramente, os ouvidos são fundamentais, mas além deles é necessário que ocorra o silenciar da alma, para identificar o que não foi dito em palavras e sim expressado por gestos ou de outras maneiras (Barbier, 2002). A Escuta Sensível não se limita ao que é falado, mas procura se embrenhar no mais íntimo, aonde se encontra a subjetividade, para captar as nuances que caracterizam nossa singularidade para que assim seja possível a compreensão em sua totalidade.

Quem escuta precisa sentir as esferas afetivas, imaginárias e cognitivas para que seja possível a compreensão interior, das ações, dos comportamentos, da organização das ideias e dos valores. Sendo assim, “pressupõe uma inversão da atenção. Antes de situar uma pessoa em “seu lugar” começa-se por reconhecê-la em “seu ser”, dentro da qualidade de pessoa complexa dotada de uma liberdade e de uma imaginação criadora” (Barbier, 2002, p. 02). A Escuta Sensível aceita, de maneira incondicional, a outra pessoa, levando em consideração suas eficiências e também deficiências, bem como sua simplicidade e complexidade.

O conceito de alteridade por Reis (2021) se aproxima muito dessa perspectiva; tendo em vista que, dentre os pontos de vista apresentados, a autora menciona que além de compreender a sua definição se faz imprescindível que a compreendamos em sua prática. Com isso, entendemos que a alteridade é o ato de se colocar no lugar a outra pessoa, a considerando, a valorizando e a identificando por meio de uma relação dialógica, ou melhor, é

[...] transcender nosso modelo colonizador, que tende a classificar as pessoas tomando como ponto de partida a cultura hegemônica (...) superar a visão egocêntrica para pensar no outro como possibilidade de construir e estabelecer uma convivência mais harmoniosa e mais saudável do ponto de vista ético e humano (Reis, 2021, p. 24).

Escutar sensivelmente pressupõe compreender a pessoa como um todo, isto é, em sua totalidade, levando em consideração sua condição de ser complexo. Essa complexidade que, segundo Morin (2000), abrange os variados elementos que integram seu contexto, ou seja, as diversas partes que formam o todo que o constitui; e, nesse sentido, é fundamental se atentar a cada uma dessas partes para que se consiga apreender o todo.

Morin (2000, p. 55) destaca que, para que ocorra essa apreensão é preciso “compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno”. Isso significa que é imprescindível reconhecer que somos únicas, singulares, em meio à diversidade de pessoas, mas que ao mesmo tempo somos múltiplas, pois é na unidade que encontramos variadas influências que nos formam.

Essa é uma tarefa difícil porque fomos (e ainda somos) pessoas ensinadas a conhecer de maneira fragmentada, separada e isolada; estudamos algumas partes de um todo, sem que ocorra o contemplar, o visualizar desse todo. Contudo, quando nos referimos à Escuta Sensível parece incoerente fragmentar a pessoa em partes isoladas, pois para que seja possível escutá-la é preciso reconhecer suas particularidades para que assim compreendamos a totalidade do seu ser. Com isso, a outra pessoa deve “ser pensado em todas as suas necessidades específicas. Ele precisa ser visto, escutado, sentido, para que dessa forma fique mais próximo a sua compreensão” (Cerqueira; Sousa, 2011, p. 26).

O maior e mais urgente desafio da atualidade é realizar a Escuta Sensível com as pessoas que aparecem no contexto da diferença. E o que verificamos, na maioria das vezes, é que não sabemos como fazer isso, pois se soubéssemos não estaríamos vivenciando uma espécie de

segregação camuflada e a tão injusta desigualdade social.

Diante dessa realidade, Dunker e Thebas (2019) pontuam que:

[...] mais do que nunca, aqui a escuta deve contar com a possibilidade de desapossamento de si e dobrar-se a recolher não só o que o outro diz, mas a forma como o outro quer e precisa ser reconhecido. Quanto mais o traço (...) aparece como um conjunto de antecipações que formamos sobre o outro, logo de convicções e suposições, menos somos efetivamente capazes de escutar aquele que está diante de nós, com seu sofrimento singular, com sua história única, que é também expressão de um coletivo. Mas essa expressão ou representação deve emergir a partir do outro e não ser pré-codificada a partir da gramática de reconhecimento estabelecida por quem escuta (Dunker; Thebas, 2019, p. 168).

É uma tarefa difícil compreender a outra pessoa a partir de sua fala, de suas expressões, levando em consideração suas particularidades, sua totalidade e seu contexto, sem que nossas interpretações pessoais falem mais alto, ou que influenciem na nossa compreensão. Mas, essa prática é necessária para que consigamos respeitá-las e reconhecê-las em sua singularidade, buscando passar por caminhos que ainda são desconhecidos.

A Escuta Sensível é um termo pouco utilizado no cotidiano, especialmente no âmbito educacional. Possivelmente, por essa razão, quando apresentamos essas duas palavras em um mesmo contexto comumente as pessoas não sabem do que se trata. E, ao compreendermos sua prática percebemos que é uma ação imprescindível e sua constância necessária em todos os espaços.

A Escuta Sensível como prática educacional acolhedora

As mudanças que a sociedade contemporânea tem vivenciado constantemente refletem no processo de ensino, evidenciando o quanto é importante reinventar a educação. Mas, para que essa modificação aconteça é preciso que se crie um novo parâmetro para se direcionar. No contexto educacional atual, a Escuta Sensível pode colaborar com essa transformação, por apresentar características indispensáveis ao desenvolvimento do ser humano, pautadas na dinâmica de conhecer a outra pessoa e aprender a se conhecer.

Os/as professores/as têm grande influência no processo de ensino das pessoas educandas; sendo assim, tanto a formação como a prática pedagógica precisam ser direcionadas e organizadas para o desenvolvimento de aspectos existenciais e não apenas técnicos. E,

entendemos que as práticas educacionais deveriam buscar o desenvolvimento integral do ser humano, levando à formação de pessoas mais autônomas e com uma ampla visão de mundo, que consigam transformar sua realidade e atuar de maneira competente, comprometida, criativa, reflexiva e crítica.

Diante dessa necessidade, questionamos: como exigir essas ações das/dos professores tendo em vista que, na maioria das vezes, não foram formados para desenvolvê-las? Como cobrar isso das pessoas que não são reconhecidas, nem valorizadas, que trabalham em condições precárias e com salários que não condizem com o trabalho realizado? Essas perguntas nos levam a refletir como a formação das dos professores precisa ser colocada em questão, ou seja, em debates frequentes, principalmente, por profissionais que realizam a prática pedagógica, pois são elas que vivenciam e sabem o que falta e o que precisa melhorar.

Infelizmente, vemos uma permanente desvalorização e o não reconhecimento do trabalho das/dos professores, em uma sociedade que desconsidera como são essenciais para que se construa uma educação mais humana e, conseqüentemente, uma sociedade mais digna. Acerca desse processo, Gadotti (2003, p. 15) destaca que “enquanto não construirmos um novo sentido para a nossa profissão, sentido esse que está ligado à própria função da escola na sociedade aprendente, esse vazio, essa perplexidade, essa crise, deverão continuar”.

É nítida a necessidade de ressignificar a profissão docente; mas, como fazer isso se a docência ainda se encontra impregnada por uma concepção de mundo arraigada por fragmentação, reducionismo e limitação, que foi (e ainda é) a base da educação? De acordo com Carvalho (2017) se a/o professor tiver uma formação sólida - tanto em relação à prática quanto no que se refere à fundamentação teórica - e se ambas se desenvolverem de maneira dialética, podem viabilizar um trabalho mais autônomo por meio do qual ocorra a compreensão dos principais objetivos da educação em uma escola democrática. Dessa maneira, conforme essa autora, seria possível a construção de um saber/fazer pedagógico e uma preparação condizente capaz de guiar o ensino conforme as exigências e os contextos apresentados pelas pessoas educandas. Portanto, é necessária uma prática atrelada à teoria, uma identidade profissional que se constrói no contexto social, político e histórico em que as os professores estão inseridos. Na formação de professores (as) é fundamental valorizar os saberes da experiência, e assim, a cada nova experiência há a oportunidade de uma reflexão em relação à prática docente. O conjunto das diversas experiências, mediante conexão

teórica, traz uma contribuição significativa para a formação da identidade profissional (Carvalho, 2017, p. 32-33).

As/os professores, com frequência, desenvolvem seu trabalho de forma automática, sem refletirem sobre o que estão fazendo, sem questionarem as razões pelas quais estão realizando determinada prática pedagógica, deixando de experienciar verdadeiramente, a dinâmica da sala de aula. Freire (2009) evidencia a necessidade de pensar a prática. Para o autor, ao desvelar a nossa prática a partir dos conhecimentos advindos da ciência e da filosofia vamos redirecionando o trabalho e nos aprimorando. Dessa forma,

[...] é pensando a prática que aprendo a pensar e a praticar melhor. E quanto mais penso e atuo assim, mais me convenço, por exemplo, de que é impossível ensinarmos conteúdos sem saber como pensam os alunos no seu contexto real (...) para que os ajudemos a saber melhor o que já sabem, de um lado e, de outro, para a partir daí, ensinar-lhes o que ainda não sabem (Freire, 2009, p. 109).

Diante dessas considerações, é importante destacar que não é tarefa simples identificar a teoria e transpô-la para a prática de forma mecânica; ou seja, não há teoria que seja identificada como uma receita de como se deve desenvolver esse ou aquele conhecimento. Longe disso, almejamos um contexto de práxis, em que a prática e a teoria estão em constante diálogo, um enriquecendo o outro, um complementando o outro, realizando uma troca na qual ambos são importantes e necessários nas instituições de ensino. Sendo assim,

[...] essa ideia de que é possível formar uma educadora praticamente ensinando-lhe (...) a como moldar a mão do educando no traçado de uma linha, sem nenhuma convivência séria com a teoria, é cientificamente errada quanto a de fazer discursos, preleções teóricas, sem levar em consideração a realidade concreta (Freire, 2009, p. 111).

Em relação ao currículo organizado para a formação de pessoas professoras, observamos que predomina os referenciais teóricos, dando pouco, ou quase nenhum destaque às práticas educacionais. E, dessa forma, entendemos que a parte curricular que deveria ser ampla em relação às possibilidades de experiências e ao desenvolvimento de habilidades para a atuação nas escolas e em salas de aula, é reduzida, acontecendo, em sua maioria, nas disciplinas de estágio supervisionado.

Por essa razão, é importante repensar a matriz curricular da formação e na qualidade

dos cursos que os formam, admitindo-se que todo profissional precisa de formação permanente/continuada por meio de especialização, cursos de extensão ou cursos disponibilizados pela própria escola. “Daí a necessidade de se refletir hoje sobre o novo papel do professor, as novas exigências da profissão docente, principalmente da formação continuada” (Gadotti, 2003, p.22).

A formação continuada da pessoa professora precisa ser construída sob a concepção de - refletir, pesquisar, descobrir, agir, organizar, fundamentar, rever e produzir teorias -, não se fundamentando em aprendizagem a partir de técnicas prontas, e/ou, em um ‘passo a passo’ de como fazer. Nessa perspectiva, Freire (2009, p. 116) destaca que a formação permanente precisa se iniciar com “a reflexão crítica sobre a prática, funda-se exatamente nesta dialeticidade entre prática e teoria”.

Estudiosos (as) e pesquisadores (as) da educação como Maturana (2002), Alves (2013), Freire (1967; 2009; 2010), Cerqueira (2011) e Carvalho (2017) discorrem sobre a importância da formação de pessoas professoras pautada em uma didática afetiva, em que o objetivo é levá-las a se aproximarem das pessoas educandas de maneira mais afetiva, amorosa e acolhedora, para que seja possível direcioná-las ao autoconhecimento, em que seja considerado o respeito às suas características particulares.

Para que isso seja possível, uma nova pedagogia é imprescindível, em que o propósito seja, a partir de uma visão global, conduzir uma ação local, relacionando “saber e ser, conhecimento e amor, ação e contemplação” (Carvalho, 2017, p. 35). Sob essa perspectiva, Freire (2010, p. 144) pontua que lidamos com gente e não com coisas. E, “porque lido com gente, não posso, (...) recusar a minha atenção dedicada e amorosa a problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna. Desde que não prejudique o tempo normal da docência”.

No âmbito educacional, ao falarmos sobre afetividade e amorosidade, geralmente o assunto é percebido sob uma visão romântica ou que não condiz com a realidade do contexto escolar. Contudo, a afetividade se apresenta na experiência do acolher, do agir com empatia, com cuidado e compreensão, tanto de si mesmo como das outras pessoas e do conhecimento (Carvalho, 2017). Para Freire (2010, p. 141) “significa essa abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano”.

Em relação à amorosidade, Alves (2013, p. 120) esclarece que a partir dela ocorre o transcender das hierarquias, quebrando paradigmas por meio dos quais é possível ser despertada e desenvolvida dentro de cada ser humano “pondo-a a serviço da vida humana e do planeta”. Maturana (2002, p. 19) complementa, destacando que “o amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência”. Em Freire (2018, p. 111) encontramos que “o amor é compromisso com os homens (...) o ato de amor está em comprometer-se com sua causa”.

Essas perspectivas se aproximam, consideravelmente, do que acreditamos serem aspectos de uma prática fundamentada na inclusão, em que há a busca por ações pedagógicas que rompam com os paradigmas tradicionais da educação, que acolham a diversidade, não igualando todos (as) e sim se comprometendo e lhes oferecendo possibilidades para construir saberes de acordo com as singularidades de cada um (a). Isso, segundo Mantoan (2003, p. 16), se refere a uma “organização do sistema educacional que considera as necessidades de todos os educandos e que é estruturado em função dessas necessidades”.

Para que essa construção ocorra é preciso formar pessoas professoras mais sensíveis para que essa prática direcione suas atitudes no contexto educacional. Com isso, parte a necessidade de uma formação por meio da qual sejam desenvolvidos:

[...] aspectos éticos, coletivos, comunicativos, comportamentais, emocionais... todos eles necessários para se alcançar uma educação democrática dos futuros cidadãos. Isso implica novos saberes, entre eles, saber planejar, saber organizar o currículo, saber pesquisar, estabelecer estratégias para formar grupos, para resolver problemas, relacionar-se com a comunidade, exercer atividades sócio-antropológicas (Gadotti, 2003, p. 25).

Segundo Pletsch (2009), o maior desafio em relação aos cursos de formação para professores/as, na atualidade, é construir conhecimentos que desencadeiem novas ações e levem à compreensão das situações complexas de ensino, para que consigam realizar de forma responsável o papel de ensinar e aprender na, para e com a diversidade. Dessa forma, é importante a elaboração de políticas públicas educacionais direcionadas a práticas mais inclusivas, que seja possível a adequação da formação às novas imposições da educação e assim determinar habilidades necessárias aos professores e às professoras a partir do contexto ao qual estão inseridos (as).

Para que essa formação aconteça da forma como acreditamos, somente a criação de políticas públicas não é suficiente. De acordo com Mantoan (2003, p. 42), “grande parte desses profissionais concebe a formação como sendo mais um curso de extensão, de especialização, com uma terminalidade e um certificado”. As considerações da autora mostram que a maioria realiza a formação com o intuito apenas da progressão ao final de dois anos, como prevê os Projetos Políticos Pedagógicos, não considerando a importância que esses cursos têm para sua teoria/prática dentro da sala de aula com as pessoas educandas.

Sendo assim, observamos que as formações, que a maioria das pessoas professoras realizam, de forma geral,

[...] não estão preparadas para desempenhar a função de formar professores que saibam lidar com a heterogeneidade posta pela inclusão. Isso é preocupante, pois os alunos bem ou mal estão sendo incluídos e cada vez mais as salas de aula se diversificam, embora, evidentemente, não no ritmo desejado (Pletsch, 2009, p. 150).

Em consonância com considerações de Pletsch (2009) é possível percebermos que é preciso escolher formações que somam significativamente e não apenas para se ter um certificado. Conforme Mantoan (2003, p. 41) é imprescindível não nos descuidarmos das formações e devemos “estar atentos ao modo pelo qual os professores aprendem, para se profissionalizar e para aperfeiçoar seus conhecimentos pedagógicos”.

Nesse sentido, além de identificarmos o tipo de conteúdo que está sendo ministrado, Carvalho (2017) menciona a importância de procurarmos por formações pautadas na sensibilização dos professores e professoras, para que consigam escutar as pessoas educandas e as compreendam em sua totalidade. Para isso, ressalta uma formação com base em aulas de psicologia, com especialistas em orientação psicológica, com o objetivo de “desenvolver a autoconfiança e autoestima, o respeito por si mesmos, que percebam, sintam e aceitem o valor pessoal e dos outros” (Carvalho, 2017, p. 36).

É fundamental que os professores e professoras compreendam que certificados não definem nenhum profissional e que os cursos precisam ser repensados, constantemente, para que colaborem, efetivamente, tanto na vida pessoal como profissional de todos os envolvidos nessa dinâmica.

O professor e a professora precisam reconhecer que sua profissão tem uma

responsabilidade social e que os conhecimentos estão interligados com o mundo que os educandos trazem para dentro da sala de aula. Por essa razão, insistimos para que sejam mais sensíveis e consigam realizar um diálogo pertinente entre a razão e a emoção.

A escuta sensível do professor é um canal de direcionamento para uma aprendizagem voltada para a formação integral do ser; percebida e compreendida por intermédio de diferentes olhares, em diversos espaços da vida, e um deles é o espaço escolar (Carvalho, 2017, p. 22).

Por meio da Escuta Sensível há a possibilidade de guiar o desenvolvimento das pessoas educandas, com o propósito de ampliação da visão de mundo, das suas emoções e conhecimentos, levando-as à construção de um percurso de vida mais responsável, equilibrado e com grandes realizações. Para isso, precisamos de uma prática contínua que busque reconhecer a outra pessoa em suas particularidades, para que seja possível a compreensão da totalidade do ser.

Essa é uma das apostas a serem “experimentadas” com todas as pessoas educandas, pois oportunizam aos seres humanos convivências mais dinâmicas, participativas, inclusivas e religadoras. Essa prática leva à exigência de permanente formação, observação para com a pessoa educanda, reavaliação de métodos e atitudes pedagógicas, assim como daquilo que se entende sobre valores, princípios e conhecimentos. Ou seja, exige um exercício de alteridade que, segundo Reis (2021, p. 23) se configura em um ato de “experientiar e reconhecer no processo de inclusão a plenitude para avançarmos, de forma consciente e reflexiva, para outras possibilidades de enxergar que no outro eu me realizo, me identifico e me completo em um contínuo fazer e refazer”.

Ao defendermos que o professor e a professora devem ter uma formação para a Escuta Sensível na educação, evidenciamos a necessidade de uma formação integral do ser humano. Uma formação que objetive a reintegração do ser humano à percepção do todo, bem como à vivência da totalidade. Sendo assim, se apresenta oposta à fragmentação, tanto dos saberes como dos seres humanos. “Por isso, a necessidade de formar professores capazes de transmitir valores, cuidar e acolher. Quem acolhe leva em consideração a necessidade do outro. Quem acolhe respeita as características de cada um” (Carvalho, 2017, p.54).

De acordo com Freire (2010, p. 113), “não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que

aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com ele”. Esse autor nos leva à reflexão sobre o que seria esse processo de ensino fundamentado na escuta, a qual percebemos que não é realizada de maneira passiva, mas sim dialógica, em que há uma constante troca e procura da formação integral das pessoas educandos e das pessoas educadoras.

Sob esse entendimento, consideramos que as relações verticais devem ser reestabelecidas, ou transformadas nas instituições de ensino. Esse posicionamento faria com que ocorresse a superação da contradição entre a pessoa educanda e a pessoa educadora, em que “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos [...]” (Freire, 2018, p. 95-96). Isso significa que o professor e a professora precisam estar constantemente se refazendo tanto no momento em que se prepara para dar suas aulas, bem como por meio do diálogo com as pessoas educandas, possibilitando o refletir e desvelar da realidade que os circunda.

Cerqueira e Souza (2011) complementam ao dizerem que:

[...] a escuta é um processo fundamental nas relações interpessoais. Ela propicia uma maior aproximação destes sujeitos que se relacionam. A escuta proporciona o reconhecimento do outro, a aceitação, a confiança mútua entre quem fala e quem escuta. A escuta é uma das pontes que permitem a aproximação dos sujeitos, que estabelece a confiança para as relações interpessoais entre quem fala para ser escutado e quem se permite escutar (Cerqueira; Souza, 2011, p. 20).

A prática que enfatizamos nesta pesquisa é democrática e apresenta uma atuação contrária às práticas pautadas no autoritarismo, porque parte de uma relação horizontal e não vertical, em que o diálogo e o respeito se fazem presentes, constantemente. Entendemos, portanto, que “a educação autêntica (...) não se faz de A para B ou de A sobre B, mas A com B, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2018, p. 116); ou seja, ocorre a comunicação com as pessoas educandas, não para elas ou sobre elas de maneira impositiva, doutrinadora, buscando a adaptação a uma realidade intocável. Longe disso, quando falamos sobre o diálogo com elas estamos considerando que a partir da escuta de suas dúvidas, desafios, esperanças e desesperanças surgem temas significativos que podem ser o alicerce de todo o conteúdo programático da educação (Freire, 2018).

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-lo a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo em que se constitui (Freire, 2018, p. 120).

Por essa razão muitos professores e professoras falam e não são compreendidos, porque não levam em consideração o contexto concreto das pessoas educandas com quem estão falando. E, para que ocorra uma comunicação verdadeira entre eles é necessário que o professor e a professora conheçam as condições de cada um e reconheça como se constituem. É por meio da realidade que se encontram os assuntos a serem trabalhados na educação.

Reconhecemos que o diálogo parte não somente dos conteúdos que precisam ser ensinados, mas também da escuta acerca das vivências, percepções e inquietações evidenciadas por cada uma das pessoas educandas. Sob esse princípio, a relação ocorre de maneira empática e a pessoa professora consegue reconhecer a importância de uma sala de aula em que há a prevalência de um ambiente acolhedor, aberto e livre (Freire, 2009).

Partindo para uma perspectiva prática, destacamos Souza (2016) quando discorre sobre como consegue realizar essa escuta e o que aprendeu a partir dessa ação:

[...] fui descobrindo, ao conversar com as crianças, que o mundo pode ser visto de muitas e diferentes maneiras. Porém, para alcançar essa revelação, foi preciso aprender a escutar com atenção tudo o que elas diziam à minha volta, e, desde esse momento, comecei a me esforçar para enxergar o mundo a partir do ângulo de visão que elas me ofereciam, com suas palavras, seus gestos e seus silêncios (Souza, 2016, p. 14).

Por meio dessa fala percebemos que a escuta somente se apresenta quando nos atentamos à outra pessoa e nos mostramos abertos às diferentes maneiras de ser e estar no mundo, acolhendo as particularidades da outra pessoa, suas verdades, suas diferenças, seus desejos e suas vivências. O professor e a professora que se dispõem a escutar não podem apenas querer saber como é a pessoa educanda, mas deve, principalmente, continuar a relação, ampliando a percepção e a sensibilidade para com ela, em um contínuo movimento.

A prática docente é isso: é viva e repleta de experiências concretas que demandam do professor e da professora certas habilidades que envolvem o conhecimento, a flexibilidade e o enfrentamento dos desafios, ou seja, é uma constante construção e desconstrução de ações e práticas educativas.

Para a realização do ato de escutar todos os aspectos mencionados anteriormente são imprescindíveis, por isso a importância de pensar sobre eles, apesar de reconhecermos, que vão se constituindo a partir de nós, em nossa prática, das escolhas que fazemos. Em consonância com Freire (2009, p. 120), é necessário reconhecer que se não tivermos algumas qualidades como “amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça”, não conseguiremos realizar uma escuta legítima.

Desse modo, a Escuta Sensível que defendemos é uma “presença mediativa” na qual as pessoas que realizam essa mediação se encontram em estado constante de vigilância, de atenção redobrada, que é oposta à dispersão, à passividade, em que a escuta se mostra como “uma escuta-ação espontânea (...). A ação é completamente imediata e se adapta perfeitamente ao evento” (Cerqueira, 2006, p.37). Diferente do que se pode pensar, a escuta não se finda em si, não é apenas escutar, é também agir a partir do que se escuta; portanto, escutar sensivelmente permite responder de maneira pertinente por meio de uma atitude harmoniosa e justa.

Diante dessa perspectiva, as/os professores precisam devolver, de forma organizada, estruturada e com riqueza de detalhes, as informações que lhes foram entregues pelas pessoas educandas de maneira desorganizada e descontextualizada (Freire, 2018). Esse trabalho não pode ser considerado fácil, pois exige da/do professor/a uma mediação entre os conhecimentos das pessoas educandas e o conteúdo programático da educação.

Além disso, Carvalho (2017, p. 40) menciona que “o professor tem a função de ser o condutor do processo ensino e aprendizagem, mas, é essencial que ele adquira a sensibilidade e a sabedoria da espera, ao compreender no aluno o seu limite e aquilo que ele necessita em sua formação”. Ao conseguir criar condições favoráveis para que ocorra a formação para a autenticidade, o ensino para o sensível leva a pessoa educanda ao autoconhecimento, à busca permanente por aprender, desenvolvendo capacidades para a resolução de problemas de maneira criativa e, ainda, ajuda a lidar com mudanças.

Entendemos que cada instituição de ensino possui suas características e necessidades, entretanto é imprescindível que ocorra a sensibilização e a capacitação dos profissionais para que aconteçam ações e práticas que despertem a humanização nas relações e favoreçam o

desenvolvimento dos seres humanos, em que seja levada em consideração a valorização do outro, o estar com ele, bem como o ato de escutar com a intenção de propiciar o acolhimento.

Considerações finais

A escuta só acontece quando nos apresentamos abertos à outra pessoa, levando em consideração suas particularidades e as acolhendo sem julgamentos. Com isso, a/o professor/a que realiza a escuta não deve se limitar apenas em querer saber como é a pessoa educanda; precisamos ir além, dar continuidade à relação, abrangendo a percepção e a sensibilidade para com a outra pessoa, em um movimento contínuo, pois a prática docente é viva e exige da/do professor/a conhecimento, flexibilidade e coragem para enfrentar os desafios, construindo e reconstruindo suas práticas constantemente. Vale destacar que a Escuta Sensível não se finda no escutar, pois gera uma ação a partir dessa escuta, acolhendo e respondendo, de maneira sensata, por meio de atitudes que levam ao desenvolvimento das pessoas educandas.

A prática de escutar sensivelmente demanda um grande esforço por parte das pessoas envolvidas no contexto educacional; e, neste trabalho, destacamos a dedicação apresentada na relação de escuta existente entre educadoras, educadores, educandos e educandas. Ao procurarmos por práticas, como a Escuta Sensível, que levem a uma educação cada vez mais inclusiva buscamos ressignificar e refletir sobre a educação que realmente almejamos.

Quem escolhe a prática da Escuta Sensível para sua profissão compreenderá que não será uma tarefa fácil e tranquila, pelo contrário, é uma prática que demanda um trabalho contínuo, pois é imprescindível revisitar o seu “eu” constantemente se quiser realizar essa prática humanizadora. Essa atitude exige libertar-se, diariamente, das amarras que influenciam o desenvolvimento das práticas realizadas nas instituições de ensino. Nesse sentido, escutar, verdadeiramente, nos leva a aprender com a outra pessoa a se tornar mais empática, acolhedora e resiliente.

Dito isso, fazemos um convite para que, em todos os momentos de nossas vidas - seja pessoal, acadêmico ou profissional - façamos o exercício de silenciar nossas inquietações para compreendermos o que não foi dito pela outra pessoa, pois a Escuta Sensível, em algumas situações, nos pede para sairmos de cena para que seja possível observarmos e reconhecermos a outra pessoa como autêntica outra.

Referências

- ALVES, Maria Dolores Fortes. **Construindo cenários e estratégias de aprendizagem integradoras (inclusivas)**. 2013. 483 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/9705>. Acesso em: 17 out. 2024.
- BARBIER, Rene. **A pesquisa-ação**. Brasília: Plano Editora, 2002.
- CARVALHO, Margly Octavia Genofre de. **Escuta sensível: protagonismo na educação**. 2017. 183 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2017.
- CECCIM, Ricardo Burg; CARVALHO, Paulo R. Antonacci (orgs.). **Criança hospitalizada: atenção integral como escuta à vida**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997.
- CERQUEIRA, Tereza Cristina Siqueira; SOUSA, Elane Mayara. Escuta sensível: o que é? In: CERQUEIRA, Tereza Cristina Siqueira (Org.). **(Con)Textos em escuta sensível**. Brasília: Thesaurus, 2011.
- DUNKER, Christian; THEBAS, Cláudio. **O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- FAOUR, Carla. **A arte de escutar: histórias que revelam a beleza de ouvir e ser ouvido**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- FIGUEIREDO, Candido de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Porto: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários para a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 66. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática libertadora**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.
- LAROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 mai. 2023.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

PLETSCH, Márcia Denise. A formação de professores para a educação inclusiva: legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisas. **Educar**, Curitiba, n. 33, p. 143-156, 2009. Editora UFPR. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/5233/10099>. Acesso em: 09 jun. 2023.

REIS, Marlene Barbosa de Freitas. Alteridade. In: ARNT, Rosamaria; SCHERRE, Paula (Orgs.). **Dicionário** (livro eletrônico): rumo à civilização da religião e ao bem viver. Fortaleza: Editora da UECE, 2021.

SOUZA, Solange Jobim e. Infância e Linguagem. In: BRASIL. **Ser criança na educação infantil: infância e linguagem.** Brasília: MEC/SEB, 2016. p. 11-42.

Submetido em: 03/06/2024

Aceito em: 11/08.2025

Citações e referências
conforme normas da:



ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA
DE NORMAS
TÉCNICAS